

## **UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DIANTE DE UMA MORTE IMINENTE**

Elisana Candido Ianella (Psicologia Hospitalar e Equipe Multiprofissional-Interdisciplinaridade na Promoção da Saúde, Hospital Universitário Regional de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Isabella Tormena Ferraz (Psicologia Hospitalar e Equipe Multiprofissional-Interdisciplinaridade na Promoção da Saúde, Hospital Universitário Regional de Maringá, Maringá - PR, Brasil); Eidiclêia Regiane Gonçalves (Psicologia Hospitalar e Equipe Multiprofissional-Interdisciplinaridade na Promoção da Saúde, Hospital Universitário Regional de Maringá, Maringá-PR, Brasil); Jane Biscaia Hartmann (Psicologia Hospitalar e Equipe Multiprofissional-Interdisciplinaridade na Promoção da Saúde, Hospital Universitário de Maringá, Maringá-PR, Brasil).

contato: [elisana\\_ianella@hotmail.com](mailto:elisana_ianella@hotmail.com)

O estudo em tela trata do manejo do óbito de um recém-nascido na Unidade de Terapia Intensiva Neonatal (UTI-Neo) de um Hospital Universitário, resultante da solicitação de atendimento da equipe de Psicologia para oferecer suporte psicológico à família da criança, que consistia na mãe e avó que estavam acompanhando a hospitalização. A presença da avó nesse contexto se deu devido ao fato da mãe da criança ser menor de idade (14 anos) de modo que era necessária a presença de um adulto como responsável. Assim, o objetivo deste estudo consiste em apresentar a importância da humanização na intervenção da equipe multidisciplinar diante de uma situação de óbito e a necessidade de uma avaliação previa das necessidades da equipe e da família frente à possibilidade de morte. A precipitação da comunicação de uma má notícia como no caso em questão, em que houve a antecipação do anuncio do óbito como concretizado enquanto ele ainda estava em curso interferiu no processo de elaboração do luto dos familiares e gerou sentimentos ambivalentes e ansiedade. Acreditando que a criança havia falecido, no decorrer do processo de elaboração da perda, surge uma nova notícia sobre a criança, que ainda estava viva, reacendendo a esperança dos familiares quanto à possibilidade de sobrevivência da criança. Alguns minutos depois, esse óbito se concretiza realmente. Devido a essa pressa da comunicação das informações que se mostraram divergentes em diversos momentos foi possível perceber o quão desestabilizadora se tornou a situação em si, uma vez que o óbito propriamente por si só já é de difícil aceitação. Como metodologia de intervenção neste caso, optou-se pelo suporte psicológico baseado principalmente na escuta e acolhimento da família além do trabalho de mediação das informações da equipe hospitalar para com esta, visando minimizar os sentimentos resultantes destas comunicações desencontradas. Como resultado observamos a importância do suporte psicológico em situações como esta, do enfrentamento da morte durante a hospitalização, momento em que se vê necessária à intervenção sensível da equipe multidisciplinar. É significativo ressaltar quão fundamental é o processo de humanização da equipe, considerando a necessidade de intervir de forma individualizada em situações de crise, situação que exige uma equipe coesa e participativa possibilitando melhores condições para que o paciente ou os familiares possam elaborar uma situação que seja de difícil aceitação. O trabalho dos profissionais, não somente do psicólogo, mas de toda a equipe deve ser permeado de sensibilidade em todas as fases do processo de internação da criança na UTI (que pode culminar em sua morte). A importância do cuidar humanizado, conforme preconiza Faquinello et al (2007) evidencia que este cuidado ultrapassa os investimentos no ambiente físico do hospital, sendo fundamentalmente relacional levando em conta que a dedicação maior para este processo vem da sensibilização da equipe multidisciplinar com o sujeito histórico e social que sofre.

**Palavras-chave:** Humanização. Psicologia hospitalar. Comunicação.